

O PROLETÁRIO

Nº
57

EDIÇÃO ESPECIAL - (PREÇO: R\$ 1,00)

Adquiram as resoluções do VIII Congresso do POM - Pela construção do Partido Operário Marxista

Bolívia e as medidas de Evo Morales	01
Congresso Nacional dos Trabalhadores CONAT	02/03
POR UMA CENTRAL PROLETÁRIA SOVIÉTICA	03/14
1º DE MAIO DE LUTA	15/16
OPOSIÇÃO REVOLUCIONÁRIA NA APEOESP	17/24
ELEIÇÕES BURGUESAS , UM MARCO HISTÓRICO	25/28

**Escreva para o Jornal *O Proletário*
Caixa Postal n.º 140 CEP 09910-970, Diadema, São Paulo**

**Venham para os cursinhos de Marxismo.
Informem-se!**

Só com consciência de classe (construção de um Partido Revolucionário, com a tomada das fábricas e terras das mãos da burguesia, passando-as para as mãos dos trabalhadores, teremos os problemas do campo, moradia, emprego, salário e condições de vida resolvidos.

Bolívia e as medidas de Evo Morales

A situação política boliviana combina três fatores que a torna particular na América oprimida. Um primeiro diz respeito ao grau de miséria em que os sucessivos planos imperialistas submeteram a população do Altiplano. Juntamente com o desenvolvimento e opressão histórica do imperialismo para a América, o operariado e a população oprimida boliviana em sua luta de resistência acabou por acumular experiência e um certo grau de politização. Já o terceiro elemento de sua particularidade está na combinação dos elementos da secular exploração imperialistas e a experiência da resistência acumulada com uma Bolívia em situação que podemos dizer de revolucionária, porém, sem o partido marxista. Um barril de pólvora, ao ponto do imperialismo conceber uma espessa de governo de frente popular de cunho nacionalista como instrumento de contenção das massas radicalizadas.

Morales conseguiu bloquear o levante do povo boliviano no final de 2005 com a perspectiva de solucionar as demandas pela via pacífica e das eleições. Nestas, prometeu entre outros pontos a nacionalização dos hidrocarburos. Morales no governo não tinha saída, ou cumpriria pelo menos parte das promessas ou o levante de final de 2005 se postava novamente e desta vez, a burguesia não o teria para frear.

Assim, as medidas de nacionalização de Morales devem ser entendidas como uma necessidade para manter a ordem nos marcos do capital. Uma nacionalização negociada com indenizações e acordos de comércio. Outras medidas

estão por vir na Constituinte, os burgueses de Santa Cruz estão a espera, assim como, a burguesia mundial. Diante deste quadro mais três questões fundamentais se complementam: uma é a saída negociada da crise revolucionária e outra é que estas negociações do interesse do capital pelo caráter de frente popular do governo, acabam com o envolvimento quase que diretamente de toda a nação oprimida. Um terceiro e importante papel que a primeira vista nos pode parecer como um fenômeno positivo mais que reforça a crise de direção do proletariado internacional é a miragem e o reforçamento desta variante de frente popular com características de nacionalismo para os olhos dos oprimidos em geral e principalmente para a América como sendo uma solução no campo do Socialismo.

No VIII Congresso do POM realizado em fevereiro de 2006 já colocávamos elementos desta análise, que a luta de classe é dialética e a ausência de um verdadeiro partido Marxista que por sua natureza só pode ser internacionalista acaba por deixar possibilidades de manobras à burguesia e ao imperialismo.

Já o episódio da Petrobrás “brasileira” faz parte do desenvolvimento desigual e combinado e do capital nacional da nação oprimida consorciada com o imperialismo. A Petrobrás representa hoje os interesses das multinacionais do Petróleo e toda sua ação se faz com os capitais e interesses destas.

Congresso Nacional dos Trabalhadores CONAT **Central Proletária Soviética X Reformismo Pequeno Burguês**

A defesa de uma Central Proletária Soviética Revolucionária é uma necessidade para que se combata coerentemente o capitalismo e para que não se renda, seja vencido ou capitule com ele. Assim o é uma necessidade também a construção de um partido revolucionário internacional aos moldes do bolchevismo leninista e conforme o legado das forças sãs do marxismo. Sem a consciência marxista a própria luta de classes e o combate ao capitalismo viram letra morta.

Por uma Central que sirva a estes interesses organizando e preparando a massa e suas organizações para derrubar a burguesia e seus aparatos, logo que temos a clareza de que nenhuma conquista duradoura ou melhoria na qualidade de vida podem ser conquistadas sob a égide do capital.

Para tanto é preciso falar claramente e primar pela democracia operária. As consignas Ditadura do Proletariado, socialização do meios-de-produção, abolição da mais-valia, Sovietes, Revolução Agrária, internacionalismo operário... socialismo; não foram construídas e conquistadas dentro de uma abóbada de cristal santificada a que somente uma cúpula iluminada tem acesso. Foram empreendidas, defendidas, discutidas e assimiladas pelo conjunto do movimento operário no decorrer de sua luta. O método marxista revolucionário não consiste em esconder tais consignas fundamentais para difundí-las e aplicá-las somente quando “calhar” na cabeça de alguns dirigentes ou de um grupo de intelectuais oportunistas. As desculpas de “não compreensão da massa a tais consignas e estranheza a elas”, os pretextos de imaturidade do movimento operário para não empreendê-las, não são senão um engodo burocrático para dissimular os verdadeiros objetivos desta burocracia, justificar suas “santas alianças” e sua política reformista, enfim, servir ao seu objetivo principal: ceifar a luta e os métodos revolucionários já em seu nascedouro. Subordinando o movimento operário aos aparelhos burocráticos que lhe são impostos, onde a esquerda traiçoeira se recicla como burguesia.

A primeira tarefa da CONLUTAS é a de expurgar a burocracia e seus vícios, pois que comprometem um fator essencial para discussão

de qualquer pretensão socialista, a democracia operária. Sem ela não é possível a uma organização de massa que se expresse realmente à vontade e seus métodos de luta de sua base. O combate à burocracia, no seio da democracia operária, se dá com:

- Imperatividade das Assembléias;
- Mandado executivo da direção para apenas cumprirem o que lhes é determinado pelas Assembléias e sua revogabilidade por estas;
- Remuneração aos militantes “integrais” na faixa média do salário de um simples operário. Fim aos privilégios;
- Poder aos comandos de base ou comitês de fábrica para atuar, intervir e deliberar os rumos da Central;
- Ação direta das massas como suas legítimas formas de luta, tais como: greves, piquetes, manifestações públicas, passeatas, ocupações, paralisação de ruas, cartas abertas à população, etc;
- Política clara, transparente, sem dissimulações e conchavos;
- Deliberações de baixo para cima.

Esses são os primeiros passos para o combate ao capitalismo, para a conquista e defesa dos nossos direitos e necessidades, para lutar e discutir sem amarras na construção de uma política marxista e organismos realmente revolucionários.

Assim como todas as outras prerrogativas revolucionárias, os germes da burocracia refutam também os soviets, pois estes culminam na sua própria destruição (da burocracia) quando dotados de democracia operária. Esperneiam: “(...) não depende de nosso vontade que a Conlutas seja uma soviets, ou seja, um organismo de poder. Não é porque vamos colocar no estatuto que a Conlutas é um soviets, que então ela se tornará um.” (Opinião Socialista. Ano X – Edição 255; pg. 7). Pois que apenas assim compreendem a construção dos soviets – no papel; desprezando sua importância e os elementos necessários para sua construção desde já, quanto mais ao longo de sua política reformista burocratizada. E seguem: “A Conlutas só será um soviets se representar os explorados e

exercer o mesmo poder de um Estado. Isso só é possível num processo revolucionário que coloque em cheque o poder atual e eleve a autoridade da Conlutas à altura de um poder paralelo.”(Idem). Negando os soviets e sua construção já no berço de uma Central que almeja coordenar as lutas “contra o capital” haverão de admiti-los num processo revolucionário de duplo poder? Por acaso ignoram o fato de que para chegar a este ponto é imperativa e transcendental a função dos soviets?

O verdadeiro combate ao capitalismo não se dá no campo do reformismo. Onde o poder dos soviets é substituído pelos da cúpula; onde as deliberações são discutidas e tomadas não com os comandos de base e Assembléias, mas com a Igreja e outros apêndices do capital; onde a tarefa prioritária é a formação de uma duvidosa “Frente Classista Parlamentar” da “esquerda combativa” e alguns setores da direita, inclusive, ao invés de voltar-se à base e prover o movimento operário das ferramentas para sua luta, a seu modo.

A conlutas, desprovida da democracia operária e uma política revolucionária (tal como descrevemos), seguirá, lamentavelmente, os rumos da CUT e do PT no campo do reformismo, até que se consolide vergonhosamente ao lado da burguesia. Contudo o movimento operário não pode esperar para acumular mais esta catastrófica experiência. Vinte anos de PT e CUT custaram muitos esforços e tempo valiosos ao movimento operário. Quanto haveremos de perder até que a própria Conlutas siga em sentido ao socialismo?

Mesmo a COB boliviana, gozando de mais representatividade popular que a CUT e a Conlutas juntas e sob um fértil terreno de agitação e instinto insurrecional, não esteve à altura de conduzir o movimento operário e suas empreitadas no sentido de destruir o capital em sua expressão imperialista. A luta boliviana foi

traída e manipulada por suas direções no ensejo parlamentar e reformista. Curiosamente as direções traidoras na Bolívia se valem dos mesmos preceitos imobilistas dos nossos Partidos de Esquerda para conchavar com o imperialismo, chegar ao parlamento, aparelhar e apossar-se dos organismos de luta da massa e, ainda assim, manter intacta a sua casca de representantes “socialistas” e “revolucionários” da massa.

A custa do sangue dos lutadores eis que, já no Parlamento, levanta Evo Morales e sua corja na Bolívia o seu Programa Mínimo Reformista e nega os soviets, os interesses, as lutas e as necessidades da massa e passa a administrar os interesses da burguesia em detrimento da massa explorada. Enfim, cumprem aquilo que sua longa trajetória traidora de negação das Assembléias Populares Deliberativas, dos conselhos ou comandos de base, da ação direta das massas, dos métodos marxistas, do próprio socialismo, indicava.

Por isso a III e IV Internacionais empunharam a consigna: Partido, Soviets e sindicatos. Pois que o Partido Revolucionário indissolúvelmente interligado a classe operária e suas lutas, apontando o caminho e conscientizando-a da necessidade socialista, leva os sindicatos, associações, comandos de base e organizações populares à uma organização superior –Soviets– para que estes deliberem e sejam os donos de seus destinos. Atuando destemida, irreduzível e incansavelmente pelo socialismo, sem alimentar ilusões de uma alternativa ao capitalismo e suas guerras ou no parlamento e outros organismos burgueses.

POR UMA CENTRAL PROLETÁRIA SOVIÉTICA

SITUAÇÃO POLÍTICA

Constatamos que, no modo de produção capitalista as forças produtivas alcançaram um desenvolvimento jamais visto e imaginado. Tal análise já realizada em 1848 por ocasião da escrita do primeiro programa operário que o Movimento Internacionalista do proletariado

moderno conheceu, o Manifesto Comunista de Marx e Engels, que afirmava: “Impelida pela necessidade de dar cada vez maior saída aos seus produtos, a burguesia invade o mundo inteiro. Necessita implantar-se por toda a parte,

explorar por toda a parte, estabelecer relações por toda a parte”.

“A burguesia, com a sua dominação de classe, que conta apenas com um século de existência, criou forças produtivas mais abundantes e mais grandiosas que todas as gerações passadas tomadas em conjunto. A subjugação das forças da natureza, as máquinas, a aplicação da química à indústria e à agricultura, a navegação a vapor, os caminhos de ferro, os telégrafos elétricos, a exploração de continentes inteiros, a canalização dos rios, populações inteiras brotando da terra como por encanto - que século passados teria suspeitado que semelhantes forças produtivas estivessem adormecidas no seio do trabalho social?

Vimos, pois, que os meios de produção e de troca, sobre cuja base se formou a burguesia, foram criados no interior da sociedade feudal. Ao alcançar certo grau de desenvolvimento, estes meios de produção e de troca, nas condições em que a sociedade feudal produzia e trocava, toda a organização feudal da agricultura e da manufatura, numa palavra, as relações feudais de propriedade, deixaram de corresponder às forças produtivas em pleno desenvolvimento. Entravavam a produção em lugar de impulsioná-la, transformaram-se em outras tantas cadeias que era preciso despedaçar e foram despedaçadas.

Em seu lugar estabeleceu-se a livre concorrência, com uma constituição social e política apropriada, com a supremacia econômica e política da burguesia.

Assistimos hoje a um processo semelhante. As relações burguesas de produção e de troca, o regime burguês de propriedade, a sociedade burguesa moderna, que fez surgir tão poderosos meios de produção e de troca, assemelha-se ao feiticeiro que já não pode controlar as forças internas que pôs em movimento com suas palavras mágicas. Há dezenas de anos, a história da indústria e do comércio não é mais do que a história da revolta das forças produtivas modernas contra as atuais relações de produção e de propriedade que condicionam a existência da burguesia e a sua dominação. Basta mencionar as crises comerciais que, com o seu retorno periódico ameaçam, cada vez mais, a existência de toda a sociedade burguesa. Cada crise destrói regularmente não só uma parte considerável dos produtos já criados, mas ainda uma grande parte das

próprias forças produtivas já existentes. Uma epidemia, que em qualquer outra época teria parecido um paradoxo, desabando sobre a sociedade - a epidemia da superprodução. Subitamente a sociedade vê-se reconduzida a um estado de barbárie momentânea: dir-se-ia que a fome ou uma guerra devastadora mundial a privaram de todos os meios de subsistência; a indústria e o comércio parecem aniquilados. E tudo isto por quê? Porque a sociedade possui demasiada civilização, demasiados meios de vida, demasiada indústria, demasiado comércio. As forças produtivas de que dispõe não servem já o desenvolvimento da civilização burguesa e das relações de produção burguesas; pelo contrário, tornaram-se demasiado poderosas para estas relações, que constituem um obstáculo ao seu desenvolvimento; e todas as vezes que as forças produtivas sociais vencem este obstáculo, precipita na desordem toda a sociedade burguesa e ameaçam a existência da propriedade burguesa. As relações burguesas tornaram-se demasiadas estreitas para conter as riquezas criadas no seu seio. Como é que a burguesia consegue vencer estas crises? Por um lado, destruindo pela violência uma grande quantidade de forças produtivas, por outro lado, pela conquista de novos mercados e pela exploração mais intensa dos antigos. A que conduz isto? A preparar crises mais gerais e mais violentas e a diminuição dos meios de evitá-las..

“As armas de que a burguesia se serviu para derrubar o feudalismo voltaram-se agora contra a própria burguesia”.

Desde este acontecimento histórico até nossos dias as forças produtivas, a Sociedade, a luta do proletariado, a luta de classe em si, tiveram fundamentais transformações. A teorização sobre os caminhos de uma nova Sociedade, mesmo do Socialismo tiveram também fundamentais transformações, divergências e desvios.

Os jovens Marx e Engels admirados pelo esplendor do desenvolvimento das forças produtivas, como cientistas políticos e teóricos, desde sua juventude, puderam diagnosticar com precisão a força do desenvolvimento alcançado, bem como, as contradições que já nesta ocasião apontavam para o mesmo desfecho tido pela Sociedade anterior, o Feudalismo. Essas contradições fragorosas, a concentração do capital em poucas mãos e a mais ampla miséria

entre as massas, a alta capacidade produtiva e a mínima condição de poder de compra para adquirir tal produção, a estreiteza dos mercados, fenômeno que os jovens teóricos constataram como sendo próprio da sociedade capitalista regida pela propriedade privada dos meios de produção. A par do desenvolvimento do capitalismo e suas contradições Marx e Engels fundamentaram todo esplendor revolucionário instintivo presente na classe operária nascida com o capitalismo (os proletários modernos).

Os jovens autores já apontaram para a formação dos monopólios e o minar da livre concorrência apregoada pelos burgueses transformados em classe dominante.

Os dois jovens Revolucionários acreditavam e não esperavam que o capitalismo fosse sobreviver tanto tempo, esperavam a revolução proletária com o desenvolvimento revolucionário da classe operária Inglesa, Francesa, alemã, enfim, dos países desenvolvidos. Tal análise não se constatou fora do contexto, pelo contrário, os acontecimentos da Comuna de Paris em 1871 deram prova da visão dos autores. Marx e Engels foram além, inclusive do demonstrado pelo desenvolvimento das forças produtivas em sua época na escala mundial.

Coube aos teóricos da classe operária da geração seguinte, palpando o desenrolar do desenvolvimento das forças produtivas e do capitalismo dar prosseguimento às análises. Coube a Trotski já em 1905 dar seqüência na análise inicial de Marx sobre o caráter da revolução, desenvolvendo assim a teoria da Revolução Permanente. A Lênin coube dar seqüência as análises da acumulação do capital, dos monopólios e da fusão do capital bancário com o capital industrial, originando o capital financeiro. Coube ainda a Lênin desenvolver o iniciado por Marx em relação à organização da classe para si, ou seja, a teoria e a forma de organização do Partido Revolucionário do Proletariado Internacional. Esta forma de organização ficou conhecida na história como a organização Bolchevique de Partido. Assim como Marx e Engels que presenciaram pela primeira vez na história a tomada do poder pela classe operária, mesmo que por pouco tempo em 1871, Lênin e Trotski viveram e puderam dirigir a Revolução que pôs finalmente um marco no Movimento operário Internacional.

Da mesma forma que os dois primeiros teóricos estavam esperançosos na vitória da Revolução Proletária em curto espaço de tempo, Lênin e Trotski, bem como todos os revolucionários do período pós revolução Russa até o 2º Congresso da III Internacional acreditavam e sentiam toda uma ofensiva do movimento do proletariado Internacional. Trotski, após toda a traição da Revolução Russa escreve em 1938 o Programa de Transição. Apesar de fundamentar tal programa como uma transição, através de um plano de reivindicações transitórias para servir de ponte para a organização da classe operária como classe para si e para a revolução – transformando assim a situação pré-revolucionária devido aos fatores objetivos da revolução em situação revolucionária, com a presença do fator subjetivo da revolução (o Partido Marxista)– estava o autor totalmente esperançoso quanto ao desenvolvimento da IV Internacional. Escrevendo em 1937, por ocasião dos noventa anos do manifesto, que, ao se comemorar o seu centenário, a IV Internacional seria a força revolucionária determinante em nosso planeta.

A classe operária se organizava, se politizava e acumulava experiência. A burguesia mundial se reorganiza, já em 1921 vai retomando a dianteira da situação política, vários planos de socorros aos países capitalistas em dificuldades, principalmente na reconstrução dos efeitos da guerra são planejados e executados minuciosamente aos interesses do imperialismo vencedor. Nesta ocasião a burguesia contava com a corrente política herdada da II Internacional que apoiaram os créditos para a burguesia imperialista desfechar a 1ª grande guerra mundial de rapina, por mercado e anexações. A traição da II Internacional veio a cimentar base sólida que aos poucos foram se constituindo em esteios da grande burguesia mundial. Os teóricos revolucionários da classe operária Internacional não contavam que se ergueria em escala mundial uma fortaleza burguesa no seio do movimento operário capaz de sustentar este regime decadente, mesmo em sua barbárie.

Com o advento do capital financeiro, resultado da fusão do capital bancário e industrial, com o capital bancário agindo já em fusão com o industrial e, como capital financeiro, dirigindo e se adornando das indústrias, este capital agora não mais

interessava somente os juros, mas sim, este próprio e muito mais, necessitava e se tornou uma alavanca na conquista de mercados e povos, através da compra e dominação financeira. Dominou nações e vastas regiões do planeta, corrompeu ainda mais uma grande parcela do movimento operário, principalmente o operariado dos países ora imperialistas, desenvolvidos e donos do capital financeiro potenciado através da exploração financeira e da mais-valia extraída do operariado mundial. Com esta magnitude pôde corromper e comprar, dar um nível de vida diferenciado à classe operária destes países. Desta forma, o movimento operário mundial presenciou levantes nos países de economia desigual e combinado, atrasado, de desenvolvimento tardio e ditado pelo capital financeiro em detrimento de movimentos nos países desenvolvidos.

A corrente burguesa no seio do movimento operário, a social democracia se viu fortalecida com o apoio do operariado dos países imperialistas, uma verdadeira aristocracia operária se forma.

Com a traição da revolução Russa e a ascensão dos anseios pequeno-burgueses representados por uma corrente e uma política que se denominou Stalinismo. Com o Socialismo em um só país, a destruição da democracia operária e dos Sovietes, falando em nome do Marxismo. Com a não retomada da direção do Estado Soviético pelo proletariado Internacional não cumprindo assim o formulado por Trotski da necessidade da Revolução política e a volta do poder dos Sovietes e da Democracia Operária. Com a ascensão do Stalinismo, desta corrente que usurpou a Revolução Russa, como uma cadeia de burocratas que assumiu em primeiro lugar o papel dos burgueses proprietários dos meios de produção privados conformando no Estado Operário degenerado. Com os meios de produção centralizados e em poder de um Estado que ainda permanecia operário, porém, degenerado, traído; usurpou a Revolução proletária mundial, falou em vosso nome e cometeu em nome desta as maiores barbaridades da história, já nos primeiros meses após esta traição, Trotski já formulava e reivindicava junto ao movimento Socialista Internacional a necessidade do operariado Russo e mundial retomar as rédias do processo revolucionário e para isto: deveria protagonizar

uma revolução política, retomar o Estado Soviético para os Sovietes, expulsar a burocracia e retomar a democracia operária e o Internacionalismo proletário, caso contrário a burocracia que fazia o papel de entrave dos meios de produção como da existência da propriedade privada. Afirmava Trotski que caso não fosse o proletariado mundial capaz de realizar esta revolução política, estes Estados operários degenerados retornariam como Estados capitalistas (ver Revolução traída, Revolução desfigurada, Programa de Transição de Leon Trotski).

Os crimes do Stalinismo com o assassinato dos principais quadros da vanguarda proletária mundial, a destruição da Internacional Comunista acabou por esta corrente política denominada de Stalinismo sendo responsável por dois fenômenos que iriam potencializar ainda mais a social democracia como instrumento formidável para a grande burguesia mundial manter a ofensiva e o próprio capitalismo, decadente, em crise permanente, com suas guerras e a caminho da barbárie (regressão histórica dos Direitos Sociais) por um lado, e por outro, a burguesia se mantendo com folga na ofensiva política.

Com a volta dos Estados operários degenerados do Leste Europeu simbolizados pela queda do muro de Berlim a grande burguesia mundial faz deste fato um instrumento e uma arma ideológica contra o próprio marxismo.

A grande burguesia dá um salto de qualidade em seu favor, transformando os burocratas Stalinistas do “socialismo” em um só país, assassinos e traidores pró-burgueses, em burgueses capachos e os Estados operários degenerados, em Semi-colônias do imperialismo americano e europeu. Não só isto, a social democracia que já era forte e sustentáculo do capitalismo agonizante no seio do movimento operário acabou ganhando mais dois aliados orgânicos. O Stalinismo, que já era parceiro da burguesia como burocratas do Estado operário degenerado, com o semear da confusão política e as pressões ideológicas pós-queda do muro de Berlim se juntou com armas e bagagem com a social democracia. A ofensiva do capital se mostrou vigorosa ao ponto de um forte setor do Trotskismo que já se apresentavam como burocratas nos Sindicatos e revisionistas na construção partidária,

auxiliares também da sustentação burguesa a se aliar à social democracia reforçando o campo das frentes populares. Assim, Sociais democratas clássicos, o Stalinismo e agora um setor do Trotskismo deram-se as mãos e juntos e “separados” dão forma ao capitalismo agonizante (barbarizado), porém, na mais brutal e folgada ofensiva, graças a santa aliança dos sociais democratas nas suas mais variadas posições, stalinismo e trotskismo degenerados.

A crise do sistema capitalista em sua fase superior, na fase imperialista multiplicou em dezenas e talvez centenas de vezes a situação e contradições descritas pelos jovens teóricos do movimento operário internacional. A epidemia das crises de superprodução que enfrentava o capital na fase do capitalismo de livre concorrência se viram agravadas. Com o advento do capital financeiro, com a continuidade do desenvolvimento tecnológico dos meios de produção pelas forças criadoras da humanidade, com a manutenção da propriedade privada dos meios de produção as forças produtivas se repartem e chocam entre si. De um lado os meios de produção (maquinaria e fábricas) continuaram o desenvolvimento sem par. A capacidade produtiva triplicou, as máquinas estão prontas mesmo à substituírem a mão de obra operária e o fazem em grande parte delas (a Volkswagen do Brasil, Planta Anchieta SBC tinha em seus quadros na década de 80 - 40 mil funcionários produzia uma terça parte dos carros que produz hoje com 12 mil funcionários). Alguns ramos de produção se destacam, alguns países como, por exemplo, a China que combina a mão de obra em super exploração com uma economia centralizada pelo Estado (capitalismo de Estado) alcança um desenvolvimento e crescimento chegando a casa dos 10% ao ano.

O mundo capitalista de nossos dias, sua economia levando-se em conta o conjunto da economia mundial em sua fase imperialista contrasta-se com uma monstruosa capacidade produtiva e incapacidade de poder de compra, com uma monstruosa briga por mercados de consumidores. Hoje, o mercado se restringe praticamente aos setores destinados a uma elite (tornam-se mais restrito e assim mais aguda a luta por este). Ainda prevalece o fenômeno apontado pelos dois jovens autores do Manifesto Comunista (crise de superprodução) como causa principal, agravada pelo desenvolvimento dos meios de produção e

retrocesso das forças produtivas, levando-se em conta o papel desempenhado nestas, pelo proletariado.

Esta contradição fundamental é a base das guerras imperialistas, esta contradição fundamental é motivo do imperialismo necessitar da guerra permanente, esta contradição fundamental é a base do desenvolvimento do capital financeiro e com este o poder destrutivo, como produção destrutiva. As forças destrutivas que construíram e constroem o capital financeiro são justamente devido ao fenômeno contraditório engendrado pelas relações de produção capitalista, ou seja, a apropriação individual da produção social e coletiva devido a propriedade privada dos meios de produção e sua exploração pelos capitalistas.

O capital imperialista não tem fronteira e não pode tê-la, pois, com a decadência financeira de parte das forças produtivas (do proletariado) os mercados de consumidores se escasseiam. Funciona como se estivéssemos no período da escravidão brasileira em que o próprio imperialismo Inglês forçou o fim do regime da escravidão clássica, pois este necessitava de mercado para desovar suas mercadorias e o trabalho assalariado com os escravos modernos na definição de Marx resultaria neste mercado. Hoje, com o capitalismo em sua fase superior e rapidamente desenvolvendo os traços da barbárie capitalista a escassez de mercado consumidor é tamanha levando-se em conta o grau de capacidade produtiva dos meios de produção. A tal da ideologia da globalização responde a este fenômeno. Uma força contraditória agrava este fenômeno de no âmago da crise de superprodução. O excesso de mercadorias leva a uma diminuição da taxa de ganância e aumenta a necessidade do capital financeiro em entrar em ação, outra vez rompem-se as fronteiras nacionais e fundamenta o poder do capital destrutivo.

Este fenômeno de superexploração capitalista em sua fase superior, imperialista, da necessidade de aumentar as taxas de ganância, de aumentar os saques das matérias-primas, das fontes de riquezas naturais, do petróleo etc., de ampliar o mercado consumidor e a dominação e exploração imperialista sobre as Colônias e as Semi-Colônias tem levado a formação dos blocos econômicos imperialistas (amplitude da guerra comercial) e guerra bélica permanente

por mercado, matérias-primas e como força destrutiva. Como resistência e culminando em defesa do regime do capital esta ofensiva do capital financeiro tem propiciado o fenômeno do ressurgimento de uma espécie de nacionalismo (“anti-imperialismo”), principalmente na América e nos países do Oriente Médio, levantando uma oposição ao imperialismo, principalmente ao imperialismo americano, na América: com Fidel, Chaves, Morales conformando uma direção de um tipo de nacionalismo mesclado com uma revolução bolivariana. No Oriente Médio fez levantar a força religiosa dos muçumanos e os ataques guerrilheiros na forma do Terror.

Este fenômeno do ressurgimento do nacionalismo, representado por Chaves na Venezuela, agora Evo Morales na Bolívia, veio incrementar o bloco de contenção capitalista. Juntamente e entrelaçado com o Stalinismo Castrista em aliança com setores da social democracia exatamente a que conta com base operária e popular como é o caso do PT brasileiro (seu setor sindical, CUT e MST e vastos setores do movimento popular). Com a aderência do trotskismo degenerado e revisionistas tem este bloco, podemos dizer, o bloco do Fórum Social Mundial por “um mundo novo é possível”, arregimentado jovens e um vasto setor do movimento operário, camponês e popular com uma consigna antiimperialista vaga, no entanto, se servem como retaguarda da manutenção da ordem burguesa e do capitalismo em agonia.

Assim, a monstruosa crise capitalista e a barbarização da Sociedade contrasta com o agravamento da crise de direção do proletariado mundial, tornando ainda mais visível e exato a formulação do programa de transição de Trotski de que a crise da humanidade se resume na crise da direção do proletariado.

Vale dizer que o avançar da crise capitalista e sua agonia que atinge inclusive os países imperialistas e com isto a precarização e a perda das condições e do nível de vida da classe operária destes países, tem feito ressurgir

também o movimento da classe operária dos países desenvolvidos, imperialistas que começam a entrar na sena política.

O grave da situação política é de que estes setores da classe operária como acontece com o movimento da marcha de um milhão nos EUA acabam por se enfileirarem por traz no nacionalismo burguês e do anti-imperialismo Stalinista de Fidel, sem com tudo colocar-se a favor e incorporam-se ao Internacionalismo proletário e a necessidade do fim da exploração capitalista e como consequência o fim da propriedade privada dos meios de produção.

A classe operária americana, os negros, o movimento das mães dos soldados exigindo a volta de seus filhos, os setores de transportes levantam-se contra a guerra, pela defesa dos Direitos e por melhores condições de vida. Os operários franceses levantam-se contra os planos governamentais de por fim aos direitos sociais, como o previdenciário e a extensão da jornada de trabalho de 35 para 40 horas, a juventude francesa e os filhos dos imigrantes se levantam em uma batalha contra a repressão e racismo. Os operários da ex-Alemanha Oriental migram diariamente em procura de trabalho e emprego para a atual capital Alemã, Berlim ocidental. No entanto, não encontram um véis revolucionário, visto que está ausente na atual situação política Internacional, mesmo que embrionariamente, uma organização que corresponda. O que temos é o anti-imperialismo Stalinista de Castro, da pequena burguesia, do revisionismo do marxismo nas suas várias matizes, o nacionalismo antiimperialista de Chaves e agora de Evo Morales e a bravura dos Muçumanos. O mundo árabe se vê constrangido a luta incessante, as constantes invasões imperialistas e a atual ocupação do Iraque e Afeganistão têm enfrentado uma resistência mortal por parte das várias tribos e etnias dos povos muçumanos. Na Ex-União Soviética o Movimento é contido ao poder das baionetas, toda a região está mergulhada em uma absoluta barbárie, o resultado da volta ao capitalismo se deu, transformando os Estados da Ex União Soviética em Semi-Colônias do imperialismo Europeu e Americano.

A CRISE HISTÓRICA DE DIREÇÃO DO PROLETARIADO INTERNACIONAL E AS SALVAGUARDAS DO CAPITALISMO PUTREFATO

A traição da Revolução Russa, o desenvolvimento do Stalinismo, os crimes deste; o rompimento com o poder dos Sovietes; o avanço da burguesia mundial em termos ideológicos, como consequência da traição e do Stalinismo e a volta dos países de Estado Operários degenerados ao capitalismo; a desorganização das fileiras Marxistas no movimento operário, com capitulações, revisões e reprodução de seitas e de frentes populares, o predomínio da democracia formal mesmo no Movimento e Organizações que se intitulam de “marxistas”; o avanço da crise de superprodução capitalista e a decadência total deste regime da apropriação individual da produção social, consequência da propriedade privada dos meios de produção; tem levado a humanidade teleguiada pela burguesia mundial capitalista em sua fase imperialista, a criar condições políticas e mesmo material no sentido da convivência “não pacífica” (adequação do Estado ao estágio da crise capitalista) com a barbárie. As conquistas históricas do proletariado Internacional se vêem trocadas pela escravidão capitalista, em sua total decadência e em sua fase de barbárie.

Assistimos por um lado à burguesia mundial golpear os direitos históricos, os serviços públicos, rebaixar os salários e o nível de vida das massas a níveis nunca visto; o desemprego crônico virou sinônimo da informalidade, dos bicos, da mendicância, da prostituição dos menores pela mais potente violência aos mínimos direitos ao desenvolvimento social. Os Direitos Históricos fora trocados mesmo pela violência (escravidão na barbárie capitalista) e pelo antídoto do próprio regime, a caridade, solidariedade e benevolência capitalista. Os esteios da “civilização” em que deu continuidade e conduziu o regime capitalista continuam intactos: A “democracia”, a ditadura do capital, a militarização do planeta, seus exércitos e com: cada vez mais polícia e polícia, guardas e guardas, na “legalidade” e no fascismo. O culto aos mitos transportando e secularizando culturas, heróis, deuses; as leis, os parlamentos e o regime de representação tornam possível mesmo que totalmente em equilíbrio precário à manutenção deste regime em decomposição, que de guerra em guerra, de retirada de direitos e de aniquilamento e destruição de forças

produtivas vão dando respiração artificial à barbárie capitalista.

O transcendental apoio e divisor de águas na manutenção deste regime decadente que se somam de forma particularizada às superestruturas da classe dominante são os partidos políticos, tantos os liberadamente burgueses e principalmente os pequeno-burgueses, travestidos de socialistas, de poder popular, democrático, antiimperialistas, de participação popular, das majorias, das minorias, dos sindicalistas, dos irmãos, da ordem, dos nacionalistas, dos libertários, dos trabalhadores, do Movimento ao Socialismo, etc. e etc.

O transcendental divisor de águas que mantém este regime em total decadência, porém, respirando a custa de sangue, da violência absoluta, da fome e da miséria é a ausência de um genuíno Partido Operário Marxista, regido pela Democracia Operária (Centralismo Democrático) com direito a fração e tendências internas), um partido programa, programa que reflita os interesses históricos do proletariado mundial.

Na ausência desta ferramenta histórica vimos a burguesia utilizar-se de todas as gamas de Partidos assentados no Movimento operário, camponês e popular no sentido de conter a explosão das massas, de domesticar o Movimento, enquadrá-los na ordem burguesa, de desviá-lo de sua missão histórica. A burguesia tem se utilizado destes partidos com o apoio da Santa Madre Igreja. Recorrendo e tolerando com maior frequência mesmo as frentes populares e ainda com maior descompasso, aos bonapartistas nacionalistas, como Chaves, ou com negociações/pressões e embargos como o caso de Fidel Castro que esperneia com seu socialismo em um só país (Stalinismo) e a abertura da economia para os capitais imperialistas. Do PT brasileiro, que através do governo corrupto de frente popular de Lula/PT pró-imperialista, do capital financeiro que conseguiu superar seu antecessor FHC que era totalmente imperialista, nas reformas imperialistas, visto que conta com base social nos Sindicatos e Movimentos como MST e etc. Superou o seu antecessor nas bondades ao capital financeiro com a política de juros altos e propiciando aos dirigentes deste capital, os bancos super lucros acima dos já monstruosos lucros do governo de

FHC em 28,4%, uma façanha nunca visto na história do Brasil. Tem a burguesia mundial se servido ao ponto de não se titubear em apoiá-lo em preferência aos outros candidatos também burgueses e imperialistas que almejam a disputa das próximas eleições. A sustentação da política imperialista dos Sindicatos Operários e do Movimento camponês e popular é exatamente o que busca o regime capitalista na sua fase imperialista e na sua agonia. Podemos ver claramente na Bolívia com Evo Morales de como se utilizou a burguesia de uma organização poli-classista e de um caudilho nacionalista burguês para conter e golpear o Movimento de massas. Para golpear as massas nas ruas e em armas, para golpear os Soviéticos (nos cabildes e Assembléias Populares).

ilusões eleitorais, que a Bolívia tinha-se Trotskizado. Com toda a efervescência do Movimento Operário e Camponês boliviano que já por várias vezes se colocaram na dianteira da situação política em verdadeiras situações revolucionárias, porém, apesar de contradizer o POR, sem a presença do Partido Marxista. Uma vez que, a estratégia deste foi cambiada para uma variante de frente popular a FRA exatamente ao contrário do consignado

Cabe ressaltar que desde 1952 desenvolveu-se na Bolívia a organização de um Partido (POR). Este partido pretendeu representar o Trotskismo, que elegeu com estratégia apesar da defesa constante da Ditadura do Proletariado uma variante de frente popular sob uma visão esquerdista representada pela Frente Revolucionária Antiimperialista, se assentou totalmente na pequena burguesia das cidades, apesar da defesa da ditadura do proletariado e da política desta com a supremacia do Movimento Operário. Assim como o Stalinismo, usou do método da calúnia para desmoralizar e impor a política e disciplinar o Partido à personalidade do dirigente máximo. Analisavam os Poristas, que na Bolívia as massas tinham esgotado as

nas Teses do Oriente (IV Congresso da III Internacional). De instrumento de separação e desmascaramento do nacionalismo e do Stalinismo deram a estas, instrumento de vossa ascensão e manobra a favor da burguesia.

Segundo dados oficiais da Bolívia, 84% da população inscrita para votar compareceram às urnas em que elegeram a Evo Morales.

OS DESAFIOS DO MOVIMENTO DO PROLETARIADO REVOLUCIONÁRIO INTERNACIONAL

O Movimento Operário sofreu uma grandiosa derrota com a traição da Revolução Russa, da política do Stalinismo do Socialismo em um só país, dos crimes desta corrente que usurpou a história e se quis passar por Marxismo. A destruição do Internacionalismo proletário, a perseguição e o assassinato da vanguarda Internacionalista que ousava se levantar contra o Stalinismo. Nestas condições e principalmente, a total ausência da democracia operária de forma a possibilitar as contraposições da campanha infame do Stalinismo e do ódio de classe da burguesia mundial que já contava com a colaboração dos traidores da 2ª Internacional na defesa do capital. Toda uma conjuntura desfavorável pela ausência do desenvolvimento de uma poderosa Organização (o Partido Mundial da Revolução proletária que fora brutalmente golpeado por Stalin). Na contra corrente a IV Internacional

não pode ocupar o lugar que a classe Operária necessitava não sendo assim possível a realização da Revolução política no sentido indicado por Trotski de expulsão da burocracia e a retomada do poder para as mãos dos Soviéticos de forma a impulsionar a Revolução Mundial.

Desta forma vimos os acontecimentos históricos, a luta de classes dar fôlego à burguesia mundial, fôlego este agravado com o desfecho da volta dos Estados Operários degenerados ao capitalismo, passagem esta representada simbolicamente pela queda do muro de Berlim. O capital se sustenta da superestrutura, do mítico e da sua ditadura (A democracia formal). Assim, o episódio da derrubada do muro de Berlim foi um marco mítico que a burguesia utilizou para usarem nas Escolas oficiais e nas Universidades, nos meios

de comunicação, nas igrejas. Assim como, por ocasião da juventude da Revolução Russa contrapôs a Ditadura do proletariado (poder dos Sovietes e da Democracia Operária, decisões da maioria prevalecendo sobre a minoria exploradora e assassina) com a democracia em geral e a ditadura em geral. Com a queda do Stalinismo na condução dos Estados Operários do Leste, os comparou e mistificou-o ao Marxismo e ao Comunismo.

Estes acontecimentos históricos passaram a fazer parte da luta de classe e do materialismo histórico e dialético. Serviram para a burguesia golpear duramente as mentes, deram supremacia ideológica ao capital. Deram vazão para uma centena e milhares de revisionismo. Desde os que compararam diretamente a queda do Stalinismo como sendo a queda do Marxismo aos que utilizam destes acontecimentos para passar uma borracha nestes acontecimentos históricos e na luta de classe havida com a falácia de retomar aos clássicos do Marxismo (Marxilianos) e reconstituir o legado marxista. Pura charlatanice! No oposto, querer usar destes acontecimentos históricos para negar o marxismo e o comunismo, ou mesmo, negar o caráter da análise do papel dirigente que ocupa a classe operária na condução e na política da Revolução Proletária se utilizando da dialética e colocando o movimento social na melhor das formas da frente popular para sobrepor ao papel dirigente do movimento operário do sentido indicado por Marx, também se constitui em uma obra de pura charlatanice.

Negar o materialismo histórico e dialético, negar a luta de classe, negar os objetivos históricos da classe operária e falar em nome do Marxismo ou como querem alguns de Marxilianos é obra pêra de charlatões.

Negar o papel do Partido Marxista centralizado na forma indicada pelo Leninismo e o papel das reivindicações transitórias e a luta econômica como ponte para a luta pelo Socialismo, como ponte de transformação da situação objetivamente revolucionária dadas pelo desenvolvimento das forças produtivas e as contradições advindas da relação de produção capitalista e sua propriedade privada dos meios de produção como pressuposto da transformação desta situação objetiva (situação pré-revolucionária) em situação subjetiva (revolucionária com a presença do Partido Marxista enraizado entre as massas) com o sectarismo da superação do fenômeno histórico de crise de direção do proletariado Internacional se constitui de puro idealismo e heroísmo pequeno burguês.

A defesa do Materialismo Histórico e Dialético como sendo o método fundamentado de Marx capaz de conduzir a classe operária, como classe e política dirigente rumo a Sociedade Socialista e ao Comunismo, não dá saltos, mesmo que seja com as justificativas de encurtar caminhos. A volta ao tempo e ao espaço longínquo negando um período histórico da luta de classe, querendo pular por cima deste é negar todo o método e o próprio legado do que se convencionou se chamar de Marxismo, é negar o próprio Marx.

A CRISE DE SUPERPRODUÇÃO CAPITALISTA E A CRISE DE DIREÇÃO DO PROLETARIADO INTERNACIONAL

Todo pressuposto de intervenção consciente do ponto de vista dos interesses históricos da classe operária e esse deve ser nosso objetivo principal no Movimento operário, popular, estudantil, camponês e no seio dos oprimidos deve partir de uma análise das condições históricas em que nos encontramos. Das raízes e da essência da crise em que o mundo

capitalista atravessa, da contradição entre a relação de produção capitalista imposta pela propriedade privada burguesa, que advém da apropriação individual da produção coletiva, a exploração do trabalho, (mais-valia), a concentração do capital de um lado e de outro, miséria a milhares e milhões de seres.

Com a traição e golpe sofrido pela classe operária internacional, traição da Revolução Russa e a destruição da III Internacional Comunista; com o assassinato de Trotsky e os rumos que tomou a IV Internacional, centenas de grupos e até seitas, na maioria das vezes isoladas das massas e às vezes com uma política de adoração a estas ou ainda da própria “democracia”, levou à conformação de um ambiente de impotência e de reforço à política social democrata e a conciliação de classe, aprofundando ainda mais o fenômeno da crise de direção.

A consigna de Socialismo ou barbárie se tornou evidente. As crises cíclicas do sistema capitalista se tornaram crônicas e a crise de superprodução se elevou a níveis incontroláveis. O desemprego, baixos salários, aprofundamento da política neoliberal, com privatizações, destruição dos serviços públicos, dos direitos sociais, aprofundando a violência de milhares e milhões de seres. As guerras imperialistas (como o foram a 1ª e a 2ª) se tornaram nos dias de hoje, por assim dizer, permanente, em regiões estratégicas.

Já no final do século XIX e início do século XX, quando da fusão do capital industrial com o bancário, resultando no capital financeiro, com o domínio deste no mundo, as reformas do interesse dos trabalhadores se tornaram tarefa do processo revolucionário, em que a classe operária deve ser a força motriz.

Estas conclusões e análises da situação mundial nos colocam a necessidade de dois níveis de organizações históricas:

- 1) A construção do Partido da Revolução Mundial com um programa que expresse os interesses históricos do

proletariado mundial. Hoje, com o aprofundar da crise capitalista de superprodução, com toda a problemática de confusão, desânimo, distorções do pensamento operário, esta tarefa se tornou transcendental e de uma dificuldade também de mesmo porte e só será cumprida com o trabalho de resistência proletária internacional, de paciência revolucionária e com uma acentuação muito maior do caráter da democracia operária. As tendências e as frações devem conformar toda uma teia de um corpo único movido pelo centralismo democrático no seio do movimento operário e socialista internacional rumo à expropriação da propriedade privada burguesa e a conseqüente coletivização desta, rumo ao Socialismo como caminho do Comunismo.

- 2) Toda formulação contida no ponto um se torna letra morta se não tiver alicerçada na luta prática e diária no caldeirão da luta de classes. As reivindicações, as tormentas, os anseios do proletariado nacional e internacional devem ser nosso guia e uma ponte para a luta e organização independente dos oprimidos rumo ao socialismo. Aqui se assenta a necessidade da construção de uma Central tipo Soviética.

CONSTRUIR UMA CENTRAL TIPO SOVIÉTICA

O que será esta Central? Uma central das correntes revolucionárias como faz questão de escrever nos relatórios a coordenação da CONLUTAS? A defesa da Central Proletária não se fundamenta por ser uma união das correntes revolucionárias ou socialistas e sim, em dotar o movimento operário, camponês, estudantil e popular brasileiro com uma política e formas de organização que correspondam aos interesses históricos do proletariado mundial. Este é o diferencial.

Esta forma de organização já fora fundamentada pelo Movimento Operário Internacional, assinalando que na época da burocracia sindical e a estatização dos sindicatos a ordem das organizações operárias passou a ser: Partido, Sovietes e Sindicato.

A política do proletariado correspondente à fase superior do capitalismo (imperialista) pressupõe não enganar as massas da cidade e do campo com possibilidade de concretizar reformas de nosso interesse dentro deste

sistema. Mas, isto não significa abandonar a luta pelas reivindicações destas, pelo contrário. Nossa disposição de luta por estas reivindicações deve ser superior a todo e qualquer agrupamento, pois sabemos que até os partidos e agrupamentos burgueses estão presentes nas lutas do proletariado e suas reivindicações.

Nossa tarefa é a de organizar a luta direta pelas reivindicações imediatas dos trabalhadores, dar vazão às energias das massas, organizando-as nos sindicatos, nas

comissões de fábricas, nas oposições sindicais, nas escolas com os grêmios, CAs e DAs, no campo, nos bairros, nas Associações e Movimentos. A união destes organismos em uma organização que seja capaz de corresponder aos anseios das massas e a seus objetivos históricos só pode ser a da união pela base, nas suas organizações próprias, cumprindo assim a Central a centralização nos Comandos de base ou Conselhos de Base e uma estrutura organizativa a nível nacional além da luta para torná-la internacional.

OS COMANDOS DE BASE OU CONSELHOS DE BASE

Os Comandos de Base como forma de romper com o corporativismo e a burocracia.

Os Comandos de Base como forma de romper com o Sindicalismo Reformista.

Comandos de Base formados pelas Comissões de Fabricas, Direções Sindicais, Oposições Sindicais, Associações, Movimentos, Grêmios, Centros e Diretórios Acadêmicos, em fim todos os grupos em luta.

Comandos Municipais, buscando o confronto ao poder oficial e burguês, Comandos Regionais e Estaduais, em fim, Comandos Nacional destes organismos em luta.

Vários serão os fatores de conquista que representará esta forma de Organização:

O burocratismo se sustenta no afunilamento da representação. De forma que ao chegar ao nível Nacional já está totalmente descaracterizado o poder e a vontade das bases. As negociações acabam tomando o lugar das deliberações das massas. A independência de classe fica só na conversa mole. Com os Comandos de Base encontraremos a forma das massas organizadas se expressarem, intrínseca a esta a independência política em relação ao aparato burguês.

O corporativismo que se torna um instrumento do atraso político, do localismo e também de burocratização, visto que, tende ao isolamento e a luta de parte, econômica tão somente sendo mesmo de ambições particulares e possibilitando inclusive a luta de um setor dos oprimidos contra outros. No corporativismo e no localismo ou no particularizado não se obtém a visão do geral, que ao ver dos interesses históricos da classe operária é internacional.

A estrutura de organização defendida e praticada hoje pela Coordenação da CONLUTAS por cúpulas das entidades e com poder decisório em Brasília se torna uma falácia de democracia, ou melhor, se torna uma variante de um parlamento ao estilo burguês. As Coordenações Estaduais por mais que melhoram o nível, ainda assim, não fogem aos fenômenos da Coordenação Central, pois, a esta está subordinada.

A estratégia pretendida é o Socialismo? Se a resposta for positiva a organização que temos a obrigação de construir há que corresponder a este objetivo estratégico.

Para que esta forma de organização se dê, e para que envolvamos as massas nesta, a democracia operária não compreendendo somente a votação de maioria e minoria e sim o exercício da mesma em toda sua plenitude se torna indispensável. Esta Democracia operária pressupõe que as decisões sejam tomadas por estas bases. As Assembléias operárias e populares se manifestarão, aqui sim, com independência de classe e já darão os primeiros passos no sentido da manifestação comunal, da necessidade do seu armamento e da ditadura das massas sobre os exploradores capitalistas. Só assim podemos ser conseqüentes nas reivindicações de: romper com o imperialismo, não pagar as dívidas externa e interna aos capitalistas e ao imperialismo; só assim podemos falar da repartição da terra dos latifúndios (Revolução Agrária e não Reforma Agrária); só assim podemos falar com todo potencial, abaixo o capitalismo, viva o Socialismo!

Para que esta forma de organização se dê, e que envolvamos as massas nesta democracia

operária, será necessário que as direções destes organismos tenham seus mandatos revogáveis a qualquer momento pelas Assembléias Gerais livres;

Para que esta forma de organização se dê, e que envolvamos as massas nesta democracia operária, os dirigentes destas organizações e movimentos não poderão viver do movimento e sim viver para o movimento. A remuneração será a mesma de sua profissão, sem nenhum privilégio, será exercida uma rotatividade destes dirigentes e seus mandatos serão imperativos das Assembléias, ou seja, terão a representação para executar as ordens das Assembléias e não para fazer, pensar, falar e decidir em nome destas.

- Abaixo a política dos burocratas e de conciliação de classes!
- Viva a organização independente do proletariado internacional!
- Viva a Democracia Operária!
- Viva a luta pelas reivindicações imediatas: emprego para todos - divisão do trabalho necessário à todos trabalhadores; salário mínimo real conforme se paga nos países imperialistas de (800 a 1200 dólares ou R\$ 1800 à R\$2800,00); escala móvel de salário, reajuste automático assim que os comitês operários de vigilância de preço detectam variação nos preços e do índice de inflação; manutenção e ampliação dos direitos trabalhistas e sociais dos trabalhadores; defesa da saúde pública para todos; terra e condições de trabalho para todos os

camponeses; estatização do sistema bancário e sua transformação em um banco único para financiar a produção coletiva e o usufruto coletivo na cidade e no campo; Escolas e Universidades de boa qualidade (estatal e controlada pela comunidade escolar), gratuita e laica para todos, fins da marginalização e discriminação dos vestibulares.

- Viva uma Central Operária em que reúna todos os lutadores da cidade e do campo, pela base, como SOVIETES, no início como agrupamento de todos os lutadores (do Movimento Operário e Sindical da Cidade e do Campo, do Movimento Camponês, Estudantis, Associativo, de gêneros, em fim dos oprimidos), na democracia operária e na luta direta e no caminhar desta luta e organização, como SOVIETES mesmo;
- Viva uma Central Operária que seja a casa dos oprimidos pelo capital em uma trincheira de luta das massas, com o Movimento operário dando as formas de Organização e de luta, direcionando-a;
- Abaixo a dominação do capital e sua barbárie;
- A classe operária é Internacional; Viva a luta Operária e Camponesa Internacional;
- Viva a Luta pelo Socialismo.

Associação OESTE de Diadema.
assomornuclouest@uol.com.br
(011) 4099-1010

Janeiro de 2006.

1º de maio da luta e de luto

O Capitalismo e sua barbárie que sobrevive devido o caráter traidor, de frente popular, burguês e pequeno burguês das Direções do Movimento Operário.

Em 1889, o Congresso Operário Internacional, reunido em Paris, decretou o 1º de maio, como o Dia Internacional dos Trabalhadores, um dia de luto e de luta. Esse decreto tem uma história, que começa em Chicago.

Esta data se deu em vista da sangrenta repressão a manifestação exigindo a redução da jornada de trabalho para 8 horas diárias realizada em 1º de maio de 1886. 500 mil trabalhadores e trabalhadoras foram às ruas de Chicago, nos Estados Unidos. A polícia reprimiu a manifestação, dispersando a concentração, depois de ferir e matar dezenas de operários.

No dia 5 de maio de 1866, os operários americanos voltaram novamente às ruas e foram novamente reprimidos. Desta vez, 8 líderes foram presos e ‘julgados’, sendo 5 deles condenados à forca e 3 à prisão perpétua. Dos 5 condenados à forca, 4 foram executados no dia 11 de novembro de 1887 e um assassinado na prisão, na véspera da execução.

Para neutralizar o sentido histórico de luto e de luta desse dia, os governos capitalistas

O 1º de Maio do PSTU, CONLUTAS, Igreja e etc. etc.

O PSTU, que através de manobras e acordos de cúpulas, tem dado à política para CONLUTAS, em nome de uma nova e diferente “ALTERNATIVA PARA A LUTA DOS TRABALHADORES BRASILEIROS”, conformando uma verdadeira Frente Popular e repetindo nos últimos anos a realização dos 1º de Maio em São Paulo organizados e dirigidos conjuntamente com a Igreja. Usam de um linguajar de “esquerda”, defendem veladamente uma nova política econômica para o Governo Lula e enganam os trabalhadores com um discurso próprio das frentes populares — da possibilidade de um governo eleito romper com o imperialismo, não pagar a dívida externa e interna, usando este dinheiro para gerar

decretaram o dia 1º de maio como feriado nacional e organizaram desfiles, jogos e festivais.

Hoje, com as Direções Sindicais se conformando como apêndice do Estado como é a Força Sindical e a CUT, não há a necessidade do Estado realizar diretamente a distorção e a negação do sentido real desta data histórica. O próprio Movimento Sindical pelego, de conciliação de classes e atrelado ao Estado, cumpre este papel de traição das comemorações históricas da classe operária; assim como o fez na Reforma da Previdência, com o apoio dado destes pelegos burocráticos, em que se condenou milhares e milhares de trabalhadores a morrerem sem a almejada aposentadoria; como tentaram fazer com a Reforma Sindical e Trabalhista de precarização dos Direitos trabalhistas e de aumentar o poder de Estado e de cúpula sobre o Movimento Sindical; como agora esta se dando apoio ao PLP 123/2004 que introduz o SIMPLES, que precariza as relações trabalhistas nas pequenas e médias empresas; como tem dado apoio e se conformado em Governo de Frente Popular o Lula/PT.

emprego, renda, reforma agrária, moradias, saúde etc. Alias, neste conteúdo se desvela a verdadeira estratégia “Socialista e Revolucionária do PSTU” de Socialismo pelas eleições; daí todo seu empenho nas frentes classistas eleitorais de esquerda.

Com esta estratégia de fato o PSTU tem que manobrar muito na CONLUTAS e para conseguir esta façanha, tem que descaracterizar seus oponentes com três linhas de raciocínios: 1) o de ficar na política de boa vizinhança, resguardando esta para uma possível aliança eleitoral futura e mesmo de auxiliar ao combate as correntes operárias; 2) de caracterizar as críticas de forma a igualar seus formuladores

como direitistas; 3) tentando descaracterizar seus críticos como sendo ultra-esquerda, sectários e doutrinários. Nas três variantes a democracia formal e o poder de cúpula se tornam os grandes guardiões, vez que, na base e com a democracia operária, seriam desmascarados.

A formulação de organização que apresenta o PSTU para a CONLUTAS corresponde a esta estratégia, vejamos:

Tentam diferenciar-se do ANDES/SN com a defesa da construção de uma alternativa para as lutas dos trabalhadores do Brasil com uma Coordenação Nacional de Lutas, evoluindo para as votações nas tomadas de decisões e não por consenso (como funciona hoje) como quer o ANDES/SN. Negam a Direção eleita e a proporcionalidade –como quer o CEDS– com a alegação da imaturidade do momento e negam a constituição de uma Organização do Campo e Cidade com os princípios Soviéticos. Na negação de uma Organização pelos princípios Soviéticos são utilizados diretamente a acusação de querer construir SOVIETES por decreto ou no papel. Dizem que quanto aos Comandos de Base estão de acordo e já que faz parte do defendido por eles. Veja só, duas são as formas de Organização que definem o campo do Socialismo científico defendido por Marx e os vários Socialismos Reformistas: Pró-Socialismo Científico se compreende a socialização dos meios de produção (Ditadura do Proletariado, Estado Operário Soviético) como uma transição ao Comunismo. A forma de organização que corresponde a esta primeira formulação só pode ser aquela que vai dando vazão a organização da classe operária e dos oprimidos em geral em organizações próprias

Oposição Revolucionária na APEOESP

BANDEIRAS DE LUTA PARA O NOVO PLANO DE CARREIRA

Introdução

A nossa luta por um novo Plano de Carreira deve ser baseada na defesa intransigente dos interesses coletivos, seja dos professores, seja da comunidade escolar. Pressupõe-se que a categoria deve buscar a todo custo a unidade com a comunidade escolar e demais trabalhadores, tendo em vista a necessidade de promovermos a luta pelas reivindicações históricas e imediatas dos trabalhadores em educação, bem como para preservar e desenvolver a escola pública como conquista dos trabalhadores, melhorar as condições de trabalho e de ensino-aprendizagem. A luta isolada da categoria

poderá, na atual conjuntura política, significar derrota de bandeiras importantes, porém a nossa luta deve ser no sentido de garantir a totalidade de nossas reivindicações. Portanto, partindo do princípio de que a luta deve ser coletiva, bem como as conquistas devem ser para todos, o que para defender o conjunto de bandeiras que apresentaremos a seguir, é necessário o rompimento com o corporativismo sindical.

Qual tem sido a verdadeira política para o ensino público paulista?

Bom, primeiro vamos fazer a nossos leitores algumas indagações, como por exemplo: como anda o ensino público paulista nas esferas estadual e municipal? O número de escolas tem aumentado ou diminuído? As estruturas físicas das escolas são realmente adequadas para um ensino de qualidade? Há materiais didático-pedagógicos nas escolas para que os professores desenvolvam um trabalho que vise melhorar ensino-aprendizagem? Há laboratórios e bibliotecas em todas as escolas em condições de funcionamento? Há funcionários suficientes nas escolas? Com o número de alunos por classe dar para desenvolver um bom trabalho em sala de aula? Os projetos de aceleração de estudos como suplência e suplência aos finais de semana, tele-salas, reclassificação e etc. têm sido vantajosos para alunos e professores? As verbas destinadas às escolas têm sido suficientes para a manutenção dos prédios e compra de materiais? Há transparência por parte das direções das escolas na aplicação das verbas? Em geral existe algum tipo de discussão para a implementação do projeto político-pedagógico nas escolas por parte das direções? A jornada de trabalho semanal que pode chegar até 64 horas é uma boa jornada: os

salários pagos por essa jornada têm sido suficiente para acompanhar o alto custo de vida? O que você acha da escola de tempo integral nos moldes desse projeto e das condições em que se encontram as escolas atualmente? O currículo dessas escolas vai ajudar os alunos para o mercado de trabalho? A escola da família tem tido bons resultados?

Em segundo lugar, temos certeza que teremos muitas outras indagações a fazer, mas por enquanto vamos ficar por aqui e tentar responder todas elas em linhas gerais.

Antes de qualquer coisa, é importante frisar que por mais conhecimento que tenhamos sobre todos os problemas que nos afligem direto ou indiretamente a todos nós trabalhadores em educação e sobretudo no que diz respeito aos alunos, as condições de trabalho e ensino, é possível que ainda tenha uma minoria que defenda as ações implementadas pelo governo paulista. Mas, temos certeza de que a maioria esmagadora tanto por parte dos trabalhadores em educação quanto dos alunos e seus pais estão descontentes com essa política de sucateamento da escola pública por parte dos governos.

O que é bastante claro para nós é que em geral os trabalhadores e suas famílias têm gradativamente piorado suas condições de vida,

devido a vários fatores como desemprego, baixos salários e etc.

Na educação não têm sido diferente dos demais setores ligados aos serviços públicos, comércio e indústria. Os trabalhadores em educação estão ficando doentes; o hospital do servidor público estadual não suporta mais o número de professores que lá vão diariamente; os problemas vão desde físicos a psicológicos.

A jornada de trabalho é estafante; a falta de condições de trabalho e ensino tem piorado cada vez mais; a falta de recursos como materiais didáticos e financeiros se escasseia a cada dia; o número excessivo de alunos por classe é um outro problema para que se consiga fazer um bom trabalho, além da pressão e perseguição de diretores impondo goela abaixo os projetos da Secretaria da Educação, que além de não contribuir com a melhoria da qualidade de ensino, desmantela todo esforço e dedicação dos professores quanto às discussões e atividades tiradas em planejamento no início do ano letivo.

Porque temos que exigir a revogação da Lei 836/97?

Um Plano de Carreira que atendesse todas as reivindicações da categoria era e continua sendo uma bandeira histórica.

Em 97 o governo Covas/Alckmin e sua Secretária de Educação Rose Neubauer se aproveitou dessa histórica bandeira do Magistério paulista e com o objetivo de reduzir os gastos com a educação pública manda seus técnicos elaborar um Projeto de Lei com o slogan de um Plano de Carreira, vencimentos e salários e, que por sua vez culmina na demissão de mais de 40 mil professores. Este “Plano de Carreira” que virou a tal de 836/97, aprovada pelos mensalões da Assembléia Legislativa paulista ajudou ainda mais para o processo de sucateamento da escola e do ensino público, se não vejamos: passa a hora-aula para hora-relógio, diminui o número de aulas da grade curricular no período diurno e noturno, diminui o número de aulas de determinadas disciplinas, além de retirar outras importantes do currículo e para a formação do aluno; até aqui são 8 anos que os professores esperam pela evolução

funcional; os salários foram corroídos pelo alto custo de vida e as perdas em todos esses anos chagam a mais de 150%, além do aumento do número de míseras gratificações; falta de uma política de reposição das perdas e etc.; os professores com jornada de trabalho estafante que varia de 40 a 64 horas-aula semanal já mais conseguirão ter algum tipo de evolução funcional pela via acadêmica e não acadêmica, mesmo porque a maioria que integra o quadro do Magistério paulista são mulheres, pois na sua grande maioria acumulam a função de doméstica. Portanto, são pouquíssimos os que conseguem fazer um curso de pós-graduação, pois além do custo altíssimo tem o problema dos baixíssimos salários e combinado com a falta de tempo devido a sobrecarga de trabalho.

Todos nós temos motivos suficientes para exigir a revogação já dessa 836/97, pois ela não trouxe nenhum benefício para os professores, ao contrário somente tivemos perdas em todos os sentidos. Perdas essas que teve reflexo direto na carreira do docente e no que se refere à melhoria da qualidade do ensino público.

Porque queremos um novo plano de carreira?

Em primeiro lugar é necessário dizer que a essência de um novo plano de carreira se faz necessário devido ao fato de que a categoria nunca teve um plano que garantisse suas reivindicações na sua totalidade, muito menos, um que pretendesse preservar, desenvolver e que defendesse a escola pública enquanto conquista dos trabalhadores. Então, a relação entre nós trabalhadores em educação e a escola pública é o centro da questão, é como se fosse a relação entre duas variáveis, onde uma, impreterivelmente, depende da outra.

Pois bem, desse ponto de vista, toda a existência e atuação dos trabalhadores em educação estão diretamente ligadas a defesa do proletariado em geral (pais, alunos, professores e funcionários), principalmente, daqueles que estão ligados e dependem diretamente da escola pública.

Então, partindo do princípio de que todos nós temos que nos organizar em torno de um programa que defenda os interesses

imediatos e transitórios do proletariado em geral, além dos princípios da moral e ética revolucionária é que devemos promover ações teórico-prático para assim, avançarmos no nível de consciência de classe do proletariado. A seguir estamos apresentando um conjunto de reivindicações que, na sua totalidade abrange os interesses da categoria como também do conjunto da comunidade escolar, bem como a defesa da escola pública como essência para a defesa do emprego, do salário e de melhores condições de trabalho e ensino.

Reivindicações para o novo plano de carreira

Defender esse conjunto de bandeiras históricas e imediatas da categoria do professorado paulista significa defender, além dos interesses imediatos, mas a cima de tudo, os interesses do proletariado em geral (pais, alunos e trabalhadores em educação) como emprego para todos, condições de ensino-aprendizagem, assim como um único sistema de ensino público. Queremos explicitar utilizando de todos os argumentos necessários à defesa de cada uma das bandeiras apresentadas a seguir:

Redução da jornada de trabalho sem redução de salário

A redução da jornada de trabalho para os trabalhadores em educação tem como objetivo não apenas defender o aumento do número de empregados na área/emprego para todos, mas sem sombra de dúvida um maior tempo para a sua preparação/formação de modo a garantir um melhor desempenho no desenvolvimento das atividades político-pedagógico. Estamos defendendo uma jornada única de trabalho para todos os professores que se encontram em regime de contrato temporário (Lei 500/74), aos que se encontram em caráter efetivo/concursados, aos estáveis e aos celitistas de 30 horas-aula, sendo 20 em sala de aula e 10 distribuídas da seguinte forma: 05 horas-aula de HTPC e 05 horas-aula de livre escolha.

Volta da grade curricular de 97

Neste ano, a grade curricular da rede estadual paulista contava com 06 aulas no período diurno (50 min. cada) e 05 no período noturno (40 min. cada). A bandeira de volta da grade curricular de 97 pressupõe a garantia na sua totalidade de todas as disciplinas como, por exemplo, Psicologia e Sociologia que praticamente foram extintas do currículo e também porque elas são de suma importância no processo de formação psíquico-político-pedagógico do aluno. Essas disciplinas a partir do ano de 2005 tiveram suas aulas diminuídas no currículo porque a S.E. E. adotou uma política de privilegiar a disciplina de Filosofia, tendo em vista que o então Secretário é professor de Filosofia. Nesse caso específico, essas três disciplinas devem ser distribuídas igualmente no currículo; as aulas no período noturno devem ter duração de 40 min e as do diurno de 50 min como era em 97; a hora-relógio também deve acabar; não será o aumento do tempo que fará melhorar o ensino público e sim a adoção de uma política de investimentos que dê plenas condições de trabalho e ensino.

Redução do número de alunos por classe

A defesa dessa bandeira não tem como objetivo diminuir o trabalho dos professores; o que está em questão é a qualidade de ensino-aprendizagem. Tem sido humanamente impossível nas primeiras séries do ciclo I o/a professor/a alfabetizar todas as 40 crianças ao mesmo tempo, ainda mais devido ao fato de que as escolas não dispõem de recursos materiais; os professores são obrigados e muitas vezes pressionados pelas direções a pedirem material para os alunos; alguns exemplos para ilustrar: não tem sulfite, mimeógrafo,...; esses são alguns dos motivos pelos quais muitos dos nossos alunos saem da escola pública semi-alfabetizados, sendo que quanto aos que conseguem terminar o ensino médio, poucos conseguem ingressar numa universidade e, para esses as dificuldades para o acompanhamento do curso são

incomparáveis; não podemos permitir salas com 40, 50, 60 ou mais alunos-vide as classes de Tele-salas e suplência aos fins de semana. Quanto menos alunos por sala, melhor desenvolvimento do aluno, melhor desempenho profissional, melhor qualidade de ensino. A nossa bandeira é por 25 alunos por sala.

Salário mínimo vital

A questão está justamente em defender o quanto custa para uma família suprir todas as necessidades básicas como alimentação, vestuário, calçado, lazer, transporte etc.; muitos professores são obrigados a trabalharem com uma jornada de trabalho de até 64 horas-aula, acumulando em dois cargos ou duas redes; mesmo com essa façanha o salário ainda não supriu nem metade de suas necessidades, mesmo porque a carga tributária sobre os assalariados é muito grande, por volta de 40%, fora o endividamento destes junto aos agiotas oficiais-os banqueiros. Este salário deve ser calculado pelos próprios trabalhadores e aprovado em Assembléia; é este que estamos defendendo para todos os professores com uma jornada semanal de 30 horas-aula.

Incorporação de todas as gratificações

Os governos em geral têm se utilizado da política de concessões de gratificações porque, além de poderem ser retiradas a qualquer momento, “os eventuais reajustes salariais” não incidem sobre elas; no momento em que o trabalhador vai se aposentar, essas gratificações não mais farão parte do salário do aposentado-um absurdo. No Magistério paulista temos as seguintes gratificações: Gratificação Geral-QM (R\$ 60,00 para jornada básica e R\$ 48,00 para jornada inicial), Gratificação Atividade Magistério (15% sobre o salário base), Prêmio de Valorização do Magistério (R\$ 40,00 para jornada básica, R\$ 32,00 para jornada inicial, R\$ 53,33 para jornada completa e R\$ 30,00 quando em jornada de 30 horas-aula), Gratificação por Trabalho no Curso Noturno (20% sobre o valor da carga horária do curso noturno), Gratificação por Trabalho

Educacional (R\$ 60,00 jornada básica, R\$ 48,00 para jornada inicial e R\$ 80,00 para a classe de suporte pedagógico), Adicional de Local de Exercício (17,5% sobre o salário base). Neste último caso, primeiramente, esta vantagem deve se estender a todas as escolas, bem como todos os profissionais, mesmo porque dependendo de onde o professor mora a escola dos centros das cidades onde ele trabalha podem ser de difícil acesso. A nossa defesa é por um salário real.

Reposição das perdas acumuladas nos últimos 10 (dez) anos

Depois de quase 10 (dez) anos da aprovação da Lei 836/97 as concessões ficaram por conta das gratificações. Somente em 2005 é que o governo concedeu 15% sobre o salário base e mais uma gratificação de 15%, mas reduz 2,5% dos 20% do ALE; A Apeoesp em 2005 fez um levantamento do aumento dos gastos com o custo de vida de uma família, o que ficou caracterizado que nesse período esse índice ficou em 242%; Acreditamos que o percentual hoje já ultrapassa e muito esse índice, pois de lá para cá o aumento de todos os produtos e serviços tem sido gradativo. Já dissemos que a Apeoesp tem plenas condições de apurar esse percentual. Portanto, assim que esse levantamento for concretizado, estaremos com o índice real de reposição nas mãos.

Reajuste automático dos salários

É inadmissível o custo de vida subir e os salários não; é inaceitável ver nossas condições de vida ser arruinadas em função do baixíssimo poder de compra. É partindo desse ponto de vista que estamos defendendo a Escala Móvel de Salários, ou seja, aumento dos salários de acordo com o aumento do custo de vida. Esse cálculo deve ser feito pelos próprios trabalhadores e, nesse sentido a Apeoesp tem plenas condições e estrutura física e humana para realizar as pesquisas. Não devemos aceitar que órgãos ligados aos governos possam fazer esse levantamento. O DIEESE não é de nossa confiança.

Vale-transporte para todos os professores

A Constituição Federal exige que as empresas concedam vale transporte aos seus trabalhadores e permite que seja descontado 6% do salário daquele que requerer esse benefício, além da empresa poder descontar tal quantia no momento da declaração de renda. Não, não queremos essa concessão nesses moldes porque isso viria a onerar ainda mais os professores. O Estado tem plenas condições para conceder para cada professor/a um inicial de R\$ 200,00 mensais, independente do local de sua moradia e que este valor seja corrigido sempre que houver aumento de tarifa dos transportes coletivos.

Vale-refeição para todos os professores que estiverem em exercício

Da mesma forma que os trabalhadores em educação dependem do custeio para o transporte, dependem também do custeio para a alimentação. O atual vale-refeição de R\$ 4,00 pago pelo Estado a uma minoria da categoria, se quer dá para fazer um lanche; o valor de R\$ 4,00s não cobre o valor de uma refeição, que varia de R\$ 6,00 a R\$ 10,00. Exigimos que o Estado pague um valor inicial de R\$ 200,00 mensal a cada professor/a que esteja em exercício e que este valor seja corrigido sempre que o valor da cesta básica subir.

Estabilidade para todos os professores que atuam na rede até a data da aprovação do novo Plano de Carreira

A bandeira dos concursos públicos partiu dos trabalhadores para tornar transparente o processo seletivo de qualquer funcionário público. Hoje, o Estado de São Paulo vem utilizando os concursos para demitir professores e ainda por cima taxá-los de incompetentes; há professores na rede que estão a beira da aposentadoria e não são efetivos; se perderem suas aulas/classes já mais conseguirão um outro emprego. É por esses e

outros motivos que estamos defendendo a Estabilidade no emprego para todos aqueles que não são concursados e que estão em exercício na rede. A Emenda Constitucional que tramita no Congresso Nacional defende a Estabilidade para aqueles que têm 10 anos de serviço público; os que têm 9 anos e 364 dias não serão beneficiados. Portanto, aqui não estamos defendendo o direito desse ou daquele, e sim o direito de todos os trabalhadores.

Criação do cargo de Professor Coordenador Pedagógico

É necessário que os professores em conjunto com todos os segmentos da escola tenham plenas condições para desenvolver na prática o projeto político-pedagógico da escola. O Coordenador Pedagógico é a pessoa que vai nortear e elaborar ações práticas junto aos professores e assim contribuir diretamente com um bom desempenho das atividades pedagógicas no sentido de melhorar sempre a qualidade do ensino-aprendizagem. Essa é a nossa meta. Os Coordenadores tem um papel fundamental junto a professores e alunos e, nos moldes em que se encontram a situação no interior das escolas com classes superlotadas, sem as mínimas condições para a realização de um trabalho decente, se faz necessário e urgente a abertura de concurso público para provimento do cargo de PCP por período e com uma jornada de 30 horas-aula semanal.

Criação do cargo de Professor Orientador Educacional

Diariamente ocorrem n problemas com os alunos no interior das escolas, se não vejamos: brigas, alunos com problemas em famílias, uso de entorpecentes, problemas de inclusão como surdo e mudo, deficiência mental e física, ale de muitos outros. Sendo assim, fica bastante complicado para os professores que precisam transmitir o máximo de conhecimento para os alunos de sua/s classe/s, estar atendendo e tentando solucionar todos esses problemas. Neste caso é urgente a contratação desses profissionais com especialização nessa área via concurso público para melhor solucionar toda essa problemática

no interior das escolas. Estamos defendendo que seja um por período e com uma jornada igual a do Coordenador Pedagógico.

Criação do cargo de vice-diretor de escola

O vice-diretor tem um papel importante a desempenhar no que diz respeito à administração da escola em geral juntamente com o diretor, principalmente quando este se ausenta da escola. Todos eles têm colaborado e muito para um bom desempenho das atividades político-pedagógico no interior das escolas, assim como muitos deles carregam a escola nas costas. Estamos defendendo o imediato concurso público para preencher todos esses postos de trabalho. Também estamos defendendo uma jornada de 30 horas-aula de trabalho por semana.

Eleição direta para Diretor e Vice-diretor de escola

É necessário que todo o trabalho desenvolvido pelo Diretor e Vice-diretor esteja de acordo com a realidade de cada comunidade escolar e nos moldes do projeto-político pedagógico da escola, elaborado pela comunidade escolar, discutido e aprovado em assembléia geral e unitária. Pois bem, o Diretor e o Vice-diretor, ambos deverão fazer ampla divulgação de seus projetos na comunidade e depois passar pelo crivo da assembléia geral e unitária da escola.

Contratação dos professores eventuais com jornada de 20 horas-aula

Com a jornada de trabalho estafante, acumulando em dois cargos/duas redes devido a achatamento dos salários; com a superlotação das classes dificultando ainda mais o ensino-aprendizagem, em função das péssimas condições de trabalho e ensino; com os problemas sociais vividos pelos alunos e etc. Diante dessas questões, os professores têm superlotado os hospitais com inúmeros problemas; existe um número muito grande de professores readaptados dessas gritantes condições de trabalho e ensino; diariamente são

centenas de professores que faltam as suas aulas, não porque querem, mas porque estão doentes e estafados. É por isso que em cada escola e por período tenha um número de professores contratados nesses moldes com uma jornada de 20 horas-aula semanal para cobrir a falta dos professores. Esta contratação deve ser feita de acordo com o tempo de Magistério; o professor eventual que estiver a mais de dois anos em exercício na rede fará jus a estabilidade no emprego, estendendo sua jornada para 30 horas-aula.

Evolução funcional por tempo de serviço e evolução pela via acadêmica

Os professores da rede oficial de ensino paulista nunca tiveram de concreto evolução funcional. É necessário a combinação desses dois tipos de evolução; é inadmissível que um/a professor/a chegue ao final de sua carreira, prestando serviço para o Estado e não seja reconhecido pelo Estado e sem uma remuneração que dê conta de todas as suas necessidades básicas. Estamos defendendo que para evoluir pela via acadêmica sejam garantidas as condições para a realização dos cursos de mestrado e Doutorado nas instituições públicas para todos os professores que ainda não chegaram a esse nível de ensino; com liberação aos professores e remuneração integral de seus vencimentos; no caso da evolução por tempo de serviço se faz necessário que a cada dois anos todos os professores que estejam em exercício tenham sobre o total dos vencimentos um percentual de 5% e, no caso da evolução pela via acadêmica, esta deve ser do tipo aberta e levar em conta todos os cursos de aperfeiçoamento realizado pelo professor; esse percentual deve ser de 10% sobre o total dos vencimentos, no caso de Mestrado, Doutorado, Latu-Senso e demais cursos superior.

Afastamento sindical

Os trabalhadores, historicamente, para garantir melhores condições de trabalho e vida necessitam de espaço e tempo para a

organização e planejamento como forma de realização dos interesses e necessidades coletiva com liberação pelo Estado e com sua devida remuneração relativa à sua carga horária de trabalho. Somos contrários aos afastamentos/liberação de conselheiros pagos com o dinheiro proveniente da contribuição mensal dos professores, pois este deve ser aplicado no que se refere ao planejamento, organização e luta em prol da defesa dos interesses coletivos.

Contratação do quadro de funcionários ao qual faz jus cada escola pública

Hoje, no interior de cada escola pública que trabalhamos o que observamos é uma total falta de condições de trabalho que, conseqüentemente contribui para o baixo rendimento escolar do aluno, bem como para um bom desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. A falta de funcionários como inspetor de alunos, porteiros, escriturários, secretários de escola, merendeiras e auxiliares de limpeza tem e muito contribuído para a desorganização administrativa e político-pedagógico. Os poucos funcionários que ainda se encontram trabalhando nas escolas fazem parte na sua maioria de uma frente de trabalho com salários abaixo do valor do salário mínimo e a outra parte são contratados por Cooperativas também recebendo salários abaixo da média do mercado, que não é muita coisa. Em ambos os casos esses trabalhadores não fazem jus a nenhum direito trabalhista e ainda por cima só podem ficar na função por apenas 06 (seis) meses de trabalho.

Nós, trabalhadores em educação temos o dever de defender o direito a vida; ter direito a vida significa em primeiro lugar ter um trabalho com um salário digno que dê conta de todas as necessidades básicas de suas famílias.

Nesse sentido, todos nós devemos começar já uma ampla campanha pela abertura de concurso público para os cargos de inspetor de alunos, porteiros, escriturário, merendeiras e auxiliares de limpeza.

Este novo plano de carreira deve contemplar essa reivindicação legítima, estabelecendo a garantia imediata pela contratação desses profissionais que, no seu

conjunto não são menos importantes do que o corpo docente, pois desenvolvem funções que vai complementar na sua totalidade todo trabalho político-pedagógico desenvolvido pela comunidade escolar.

Considerações finais

A apresentação dessa proposta por um novo plano de carreira para o conjunto dos trabalhadores em educação tem como objetivo a defesa intransigente da escola pública, em primeiro lugar, como única condição de que os trabalhadores e seus filhos possam ter acesso a ela e adquirir conhecimento; em segundo lugar a defesa do conjunto de reivindicações explicitadas acima que visa na sua globalidade a defesa dos interesses coletivos de todos os trabalhadores, sejam eles professores, funcionários, pais e alunos.

Procuramos dentro da nossa atuação programática e de princípios apresentar uma proposta que consiga romper com o corporativismo pequeno-burguês de partidos políticos como PT, PSTU, PSOL e suas variantes e, que apesar das lutas travadas pelos professores e, essas aconteceram e acontecem ainda no isolamento, não temos tido grandes e importantes vitórias, porém, não estamos nos esquecendo que todas as nossas conquistas, mesmo que irrisórias foram conseguidas com muita luta, nas ruas, com ações de massas e diretas; as greves são bons exemplos disso. Como exemplo, a luta contra o PLC-26/2005 e a luta contra o edital do concurso público para Peb I.

É continuar na ilusão achar que os representantes da burguesia paulista, os deputados possam resolver nossos problemas, bem como defender a escola e o ensino público. Vejam como agem esses mensalões: a aprovação da Lei 836/97 permitiu a diminuição do currículo e a demissão de mais de 40 mil professores; se não fosse nossa mobilização em outubro de 2005 iriam aprovar o PLC 26/2005 que propunha a demissão de 120 mil professores OFA's; aprovaram 35 alunos por classe por duas vezes, o governador vetou e eles mesmos não derrubaram o veto.

É continuar na ilusão achar que a Diretoria majoritária (PT e PC do B) da Apeoesp desviando a luta direta das massas nas ruas para a Assembléia Legislativa está fazendo a coisa certa, que vai ser melhor e assim vamos conseguir defender os interesses dos trabalhadores.

Para nós defensores da política revolucionários não existem outro caminho, se não através das ações diretas das massas nas ruas com manifestações públicas, as greves, os comandos de base eleito em assembleias, as assembleias unitárias que unificam os oprimidos.

A conquista de todas essas reivindicações depende somente da nossa vontade e de todo nosso esforço e, acima de tudo primeiro da nossa compreensão da necessidade de termos uma vida melhor; depende de muita discussão com nossos alunos e seus pais para que juntos possamos defender aquilo que é de direito de todos; defender emprego para todos, salário digno para todos, melhores condições de trabalho e ensino, um sistema único de ensino público de boa qualidade, contra o sucateamento da escola pública, a manutenção e a ampliação desta requer mesmo muita dedicação e empenho de todos os trabalhadores e seus filhos.

Pois bem, a vontade, o esforço, a dedicação e o empenho contam muito, mas sem consciência de classe tudo pode ir por água abaixo. Toda energia deve ser armazenada pelos trabalhadores e nos momentos mais importantes e decisivos devem ser canalizadas no sentido de colocar-se em prática para promovermos todo tipo de ação direta para que possamos conseguir nossas conquistas.

Sendo assim, esperamos estar contribuindo para um caloroso debate e pensando sempre na construção de uma organização de massa que seja fruto da compreensão e da necessidade de modo que possamos nos tornar conscientes para por em prática todas as nossas energias e chegarmos um dia a ponto de dizermos: abaixo o corporativismo, o individualismo, o reformismo burguês e em fim o capitalismo decadente.

Façam críticas, mandem sugestões. Estamos abertos e interessados em discutir tudo

àquilo que é e poderá ser do nosso interesse nos HTPC's.

Contatos: oposição-reconstruir@uol.com.br

Oposição Reconstruir, integrante da Oposição Revolucionária.

ELEIÇÕES BURGUESAS, UM MARCO HISTÓRICO

INTRODUÇÃO

Os termos cidadão, cidadania e democracia são originários da Grécia; foram os atenienses que instituíram a democracia, dando “oportunidade” aos cidadãos de participarem como ouvintes/telespectadores, de conhecer o sistema de governo, regras/leis que iam sendo estabelecidas pelos governantes para o povo em geral seguir; os debates públicos também faziam parte dessa grande farsa. O principal objetivo dos governantes da época era primeiro desmantelar e depois acabar com a forma de organização primitiva que predominava no seio das comunidades. Aos poucos estas foram perdendo a forma livre de existência. Essa forma de organização permitia que todas as pessoas de uma aldeia/tribo pudessem discutir, contando logicamente com a experiência dos mais velhos/vividos - seus líderes, para assim aprovar coletivamente aquilo que fosse o melhor para todos. Não existia ainda a tal da representatividade.

Na história esta democracia foi se aprimorando e voto deu forma mais acabada para esta democracia, primeiro para os homens e muito depois para as mulheres. Essa via eleitoral tem até hoje, dado sinais grandiosos de sustentação à classe dominante e suas instituições, permitindo com isso que os menos esclarecidos continuem iludidos e na expectativa de conseguirem, mais a frente, alguma migalha para que possam continuar sobrevivendo. Os representantes burgueses e pequeno-burgueses são na verdade os principais precursores e conservadores dessa política ideológica.

O voto hoje, segundo a burguesia, a pequena burguesia e o proletariado não consciente se torna a principal arma, forma que os capitalistas e seus representantes, os políticos burgueses, utilizam para se perpetuar no poder como classe dominante, Marx definiu esta democracia como sendo a ditadura do caital.

A MAIS PODEROSA ARMA DA BURGUESIA

A burguesia sabe, coexiste e sobrevive em meio à barbárie capitalista devido à crise de superprodução; não pode resolver suas próprias contradições; não consegue dar vazão à sua produção; o desemprego, fome e violência aumentam constantemente; as reformas que retiram direitos históricos dos trabalhadores são constantes, inclusive nos países ricos/opressores como França e Estados Unidos; as disputas inter-burguesas por mercados de consumo, matérias-primas e controle ideológico de populações inteiras aumentam; as guerras localizadas e estratégicas são quase uma constante. Portanto, a burguesia tem clareza da sua crise e da decadência do seu sistema, mas tem sempre uma “saída” para esta, quando o proletariado a enfrenta diretamente

colocando em risco as suas instituições e seu sistema burguês.

Temos bons exemplos para citar, se não vejamos: Argentina, Equador e Bolívia são exemplos de como os trabalhadores agiram nas ruas contra governos burgueses, que solapavam e continuam a saquear seus direitos e que, por várias vezes, culminou na derrocada de vários destes em distintos momentos de luta de classe. Mas, as lideranças reformistas sempre conduziram os movimentos de modo conciliador, mais no sentido de conter as lutas e os lutadores, do que como forma de colocar o proletariado no poder via organismos de duplo poder para assim construir um governo operário e camponês; essas lideranças sempre trabalharam as massas para fazê-las acreditar que bastaria trocar de governo e tudo poderia

em longo prazo estar se resolvendo. Nesses países, as eleições burguesas sempre estiveram em primeiro lugar. Na América Latina, a Bolívia e a ascensão de Evo Morales ao poder,

demonstraram o caráter das direções traidoras do proletariado combinado com a investida e contra-ofensiva do imperialismo.

AS FRENTES POPULARES

Sabendo que a crise capitalista não tem retorno, a burguesia cada vez mais necessita de promover reformas que visem a retirada de direitos históricos dos trabalhadores. O Brasil é um bom exemplo dessas reformas, nem precisamos citar as que já aconteceram e as que estão por vir; os governos burgueses, quando muito, conseguem iniciá-las, mas não são capazes de findá-las, pois lhes falta apoio popular – foi o caso de FHC. Para dar continuidade as reformas que FHC começou foi necessário que a burguesia imperialista, principalmente o imperialismo norte-americano, fizesse sua troca por alguém que tivesse apoio e credibilidade do proletariado ou, mais precisamente, do operariado brasileiro.

Nesse caso, o PT é “dono” dos aparelhos dos trabalhadores, como também tem o controle ideológico da grande maioria do proletariado. Disso decorre a ascensão de Lula a presidência da república. Da mesma forma que Lula ascende ao poder central, na Bolívia Evo Morales pelo processo e respaldo popular chega à presidência da república com a conformação de um governo de Frente Popular; assim, contém a luta de classes e impede a conquista do poder pelo proletariado boliviano.

Esse interesse do imperialismo é momentâneo e estratégico, um pressuposto para aliviar-se das tensões populares em função da sua monstruosa crise capitalista.

AS FRAUDES NO PROCESSO E SEUS REAIS OBJETIVOS ELEITORAIS

As fraudes eleitorais, bem como a corrupção são elementos que servem ao capitalismo, porque são inerentes a ele e assim vão alimentando os carrascos, os traidores, os reformistas a mantendo a governabilidade burguesa e suas instituições. Em cada período eleitoral os políticos burgueses e pequenos burgueses, em suas campanhas, firmam pactos com pequenos e grandes empresários prometendo cargos e participação em concorrências públicas para construção de obras, prestação de serviços e etc. Em troca recebem muito dinheiro para financiar suas propagandas enganosas que só servem para iludir o povo, prometendo emprego, aumento de salário, moradia, distribuição de renda e muito mais; o povo impregnado de ideologia burguesa vota e “fica a ver navios” durante quatro anos, enquanto os políticos depois de eleitos desaparecem para usufruir o dinheiro do contribuinte.

Seguindo a ordem, as licitações para prestação de serviços e construção de obras públicas são verdadeiros acordos de campanhas eleitorais e é por isso que tantos empresários fazem questão de financiar os políticos corruptos, pois que, se eleitos mais cedo ou mais tarde, o retorno é garantido. Desta forma se formam as grandes fortunas burguesas.

Este regime não serve para a classe trabalhadora pelo fato da exploração da força de trabalho, da corrupção, a fome, a miséria e a violência não têm mais solução. Não é através do voto que vamos acabar com as mazelas desse sistema.

Somente com a revolução proletária e com o fim da propriedade privada dos meios de produção conseguiremos conviver numa sociedade justa e igualitária, a sociedade socialista rumo a uma sociedade sem classes sociais o comunismo.

A FARSA DAS ELEIÇÕES BURGUESAS

O fato do PT/Lula estar governando o Brasil é resultado de um leque de alianças partidárias e da carta aos brasileiros avessos à luta e as reivindicações históricas do conjunto

dos trabalhadores durante cerca de 40 longos anos, inclusive de fundadores do próprio PT. Para isto, as direções Petistas tiveram que ir eliminando os opositores das alianças que

colocasse em risco qualquer possibilidade de aliança com a grande burguesia. Esta tática eleitoral somada a ação dos “marqueteiros” de plantão, deu certo e Lula conseguindo passar a imagem de que seria o presidente de todos os brasileiros (burgueses e proletários), conciliando as classes no sonho do capitalismo sustentável, e não mais o presidente de todos os oprimidos.

Agora, estamos mais uma vez frente às eleições onde a burguesia faz as suas disputas para saber qual deles irá explorar e oprimir ainda mais os trabalhadores. Nesse contexto, encontramos o PT com sua política Social-Reformista e pró-imperialista e frente popular, tentando sobreviver em meio aos escândalos de corrupção e após submeter os trabalhadores durante quatro anos (considerando apenas o seu mandato federal) ao desemprego, arrocho de salários, aumento das tarifas públicas, cortes de verbas para a educação pública e remessas de dólares para o exterior (pagamento dos juros da dívida).

De outro lado temos a tentativa de reorganização da “esquerda” e a construção de uma nova Alternativa para os trabalhadores. O PSTU com seu centralismo burocrático de um lado e do outro o PSOL com a chamada nova esquerda ou esquerda democrática, tentam a todo custo se conformarem em um bloco somente para a disputa eleitoral burguesa, mas sem pretender romper com o corporativismo sindical, o carreirismo parlamentar, burocratismo, a democracia formal e assim com o capital.

Estamos enfrentando hoje um importante processo de redefinição com proposições e posições bastante distintas, ao mesmo tempo em que procuram mostrar a força do movimento, mostram também que somos ainda muito vulneráveis e que, diferentemente do que ocorreu na década de 70, não somos uma ameaça ao regime democrático da classe dominante vigente, muito menos aos reformistas de plantão. O que nos leva a refletir nesse momento sobre o ressurgimento de novas “alternativas e ou ferramentas” políticas ocorrendo com a concorrência de projetos políticos entre os vários setores da esquerda contra as ferramentas históricas de luta da classe trabalhadora.

Mas, para a burguesia imperialista e na atual conjuntura política e econômica ainda se faz necessário um candidato disposto a cumprir

a risca a cartilha imperialista pelo seu apoio popular; segundo ela, o melhor candidato ainda é Lula – PT. Melhor até mesmo que os tradicionais candidatos burgueses, pois este ainda não terminou o serviço que começou a consolidar no que se refere a política imperialista norte-americana, do FMI, Banco Mundial e a ONU, além da retirada dos direitos históricos dos trabalhadores. Neste momento de disputa eleitoral as forças políticas burguesas vão se acomodando e se ajeitando para saber quem ira disputar com Lula-PT, mas estas já sabem quem deve e quem não deve, é uma questão de tempo; o garotinho já crescido atua para minar as pretensões do PT e acredita poder passar para o segundo turno deixando para trás o tucano Geraldo Alckmin. Por sua vez, Itamar aliado do PT trabalha para confirmar a divisão “peemedebista” se cacifando para um possível segundo mandato de Lula.

Desde já, temos clareza em afirmar que pela via eleitoral os trabalhadores nunca tiveram poder de decisão, muito menos às tão esperadas conquistas como emprego, salário digno, moradia, saúde e educação. As eleições burguesas, um processo fraudulento, de falsas ilusões só tem e pode trazer atraso no nível de consciência de classe, desemprego, fome, miséria e violência.

A possível candidatura dita de esquerda (PSOL - PSTU ou PCO) não oferece nenhuma real alternativa aos trabalhadores, pois se propõem a permanecer nos marcos da democracia formal e de atuação parlamentar burguesa, onde esta impõe regras que impedem a democracia real (Democracia Operária); não se propõem fazer a propaganda política revolucionária de agitação das massas e de denúncia da política burguesa.

Sendo assim, lutemos reivindicando o Socialismo Científico –socialização dos meios de produção, das idéias, das organizações de base do operariado e da Democracia Operária, pois, existe uma tendência a todo partido dito de esquerda que insiste em disputar espaço no parlamento dentro dos marcos do capitalismo, do reformismo e da democracia formal de serem cooptados por ela. Em vez de trazerem vitórias aos trabalhadores, o que fazem é integrar e subjugar a esquerda revolucionária ao estado.

Nesse sentido, podemos afirmar que a luta parlamentar como tática eleitoral para aos

revolucionários Bolchevistas só nos serve para desmascarar os reformistas e de modo a alavancar a luta direta das massas para por em xeque o regime capitalista, sem capitular com este iludindo a massa, traindo-a e dissimulando os verdadeiros objetivos e métodos históricos do proletariado. Caso contrário só nos resta VOTAR NULO e trabalhar para a construção

de Partido Revolucionário para atuar no seio das massas e com um programa que reflita de fato os interesses históricos do proletariado mundial; um movimento de massa unindo todos os explorados da cidade e do campo; um governo operário e camponês; um governo dos soviets.